

NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO: POR UM SABER HOLÍSTICO¹

NIETZSCHE AND EDUCATION: FOR A HOLISTIC KNOWLEDGE

Quésia Oliveira Olanda²

Recebido em 01/03/2023

Aprovado em 23/06/2023

RESUMO

O artigo que se apresenta tem por objetivo pensar com Nietzsche a questão da educação em seu tempo, que se estende à atualidade. Para que a discussão se aprimore, usaremos como aporte teórico as *Considerações Extemporâneas* e as Conferências (1872) proferidas na Universidade de Basileia intituladas *Sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino*, na qual o jovem professor elabora um diagnóstico da formação (bildung) de sua época, sobretudo, alemã, e percebe que o modelo é tecnicista, historicista, cientificista e visa um saber reducionista. Como forma de resolução, buscaremos enfatizar um saber holístico, que tem como intuito o ser humano como um todo, extraindo suas potencialidades. Uma educação que se movimenta e não caminha só, indo de encontro com a via da alteridade. Para além das críticas, Nietzsche elabora um prognóstico, isto é, alternativas para a situação educacional de sua era, tendo em vista sua extemporaneidade, e são nelas que este trabalho deseja se ocupar.

Palavras-chave: Alteridade; Bildung; Educação; Cultura; Saber Holístico.

ABSTRACT

The article that is presented aims to think with Nietzsche about the question of education in his time, which extends to the present. In order to improve the discussion, we will use as theoretical basis the *Extemporaneous Considerations* and the Lectures (1872) given at the University of Basel entitled *On the Future of Educational Establishments*, in which the young teacher elaborates a diagnosis of the education (bildung) of his time, especially in Germany, and realizes that the model is technicist, historicist, scientific and aims at a reductionist knowledge. As a way of resolution, we will seek to emphasize a holistic knowledge, which aims at the human being as a whole, extracting his potentialities. It is an education that moves and does not walk alone, meeting the path of alterity. Beyond criticism, Nietzsche elaborates a prognosis, that is, alternatives for the educational situation of his era, considering its extemporaneity, and it is on them that this work wishes to focus.

Keywords: Alterity; Bildung; Education; Culture; Holistic Knowledge.

¹ Texto apresentado no II Congreso de la Red Internacional Iberoamericana de Estudios Nietzscheanos (RIEN) da Universidad Complutense de Madrid em outubro de 2022.

² Mestranda em Filosofia (UERJ) e bolsista Nota 10 (FAPERJ). Endereço eletrônico: olandaquesi@gmail.com

INTRODUÇÃO

*O pensamento deve ser uma coisa bonita,
que tenha gosto em aparecer e em se
demonstrar.*

Cecília Meireles

Em 1874, Nietzsche define o filósofo em suas anotações como “o médico da civilização”. O filósofo, então, teria o papel de diagnosticar os problemas e males que assolam a sociedade e, assim, encontrar antídotos para aquilo que a envenena. Este pensador foi um desses, sendo considerado um filósofo da cultura – nomeação plausível, dado o fato de que o mesmo demonstrou forte interesse por ela em todo o seu percurso intelectual. E, é justamente dentre os estudos nietzschianos voltados à cultura que se encontra sua análise sobre a educação. Como um rio que se atravessa, assim está a travessia de Nietzsche, versando entre as temáticas da cultura e educação, como uma ponte em que se é possível se transportar de um lugar para o outro, que entrelaça, sendo tecida pela confluência. Não há para o escritor de *Assim Falava Zaratustra* cultura se não houver dedicação em construir um projeto educativo, assim como não é possível a educação fluir sem o apoio da cultura. É por essa via que, no presente texto, caminharemos, lendo um Nietzsche que, além de filósofo, se mostra como um grande professor preocupado com os rumos da educação de seu tempo, mas visando sempre a posteridade, afinal, sua filosofia é intempestiva.

Para que isso aconteça, será utilizado como aporte teórico textos da primeira fase filosófica nietzschiana, suas *Considerações Extemporâneas*, bem como suas conferências voltadas à temática educacional, sob o título *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de Ensino* e, ainda, o livro *Nietzsche Educador* da professora Rosa Dias. Entretanto, antes de apresentá-la, faz-se necessário tecer sobre o formato educacional alemão que preponderava na Europa do século XIX, modelo este que gerou incômodo e insatisfação ao nosso pensador. Por fim, apresentaremos a alternativa influenciada pela filosofia do martelo, destacando seu prognóstico, em defesa de um saber holístico, isto é, que contempla o ser humano como um todo, afirmando uma educação que potencializa a vida.

CONTRA O SISTEMA EDUCACIONAL MODERNO

Ao observar o rumo em que o sistema educacional de sua época estava tomando, Nietzsche se percebe diante de um modelo que tinha

deixado à margem a formação de teor humanista, passando a ter como prioridade uma outra que se importa muito mais com um método científico de ensino. O jovem professor, então, se dedica em pensar criticamente acerca do quadro vigente, apontando um tipo de formação que é avessa ao sistema educacional moderno. Nietzsche lecionou cerca de 10 anos na Universidade de Basileia e, em muitos momentos, relatou por meio de cartas e outros escritos, “sua expectativa como educador, suas esperanças numa renovação cultural da Alemanha e suas decepções com o ambiente universitário” (DIAS, 1993), como comenta Rosa Dias em *Nietzsche educador*. Os estudos de filologia foram salutares para seu despertar como educador, antes mesmo de compor o corpo docente.

Em 1967, dois anos antes de ser nomeado professor de filologia clássica em Basileia, Nietzsche tece um comentário fundamental que anuncia previamente sua estima e perspectiva educacional que, inclusive, Rosa Dias o citou, sendo de suma importância citá-lo também no presente texto, a fim de que se possa compreender melhor o que estamos tentando desenvolver. Deixemos, então, nosso filósofo-professor falar:

Em Leipzig, limitei-me a observar como se ensina, como se transmite aos jovens o método de uma ciência. Também me esforcei em aprender como deve ser um mestre, e não estudar apenas o que se estuda na universidade. Meu objetivo é tornar-me um mestre verdadeiramente prático e, antes de tudo, despertar nos jovens a reflexão e a capacidade crítica pessoal, indispensável para que eles não percam de vista o porquê, o quê e o como de uma ciência. (Nietzsche educador, p. 26)

257

O desejo educacional de Nietzsche educa e ecoa em seus textos. Seu interesse não era em se tornar um professor que ensina um saber meramente acumulativo, que se concentra na leitura de escritos antigos. Ele também não queria ser o típico profissional que se fecha em si mesmo, que se enclausura em um escritório. Do contrário, o autor queria mesmo era estimular seu alunado a um saber que não ignora a vida ao redor, vida essa que transborda. Ele que, desde muito cedo foi seduzido por uma filosofia que se aproxima e toca a vida, sendo sua estética também concebida dessa maneira. A vida é, portanto, tida como obra de arte – termo em que Rosa Dias³ se debruçou em pesquisar. É como se, assim como na

³ Ver mais detalhes em DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

canção de Caetano Veloso⁴, a vida para Nietzsche fosse amiga da arte. O escritor alemão pretendia, salienta a professora Rosa, incentivar o corpo docente a ter “um olhar singular sobre determinada ciência, conduzi-los de modo a poderem criar uma humanidade rica e transbordante de vida” (DIAS, 1993). Vale ressaltar que, embora este filósofo escreva sobre a educação, ele não constrói propriamente uma filosofia da educação ou propostas pedagógicas curriculares. O que Nietzsche elabora é, por conseguinte, uma crítica à cultura, fazendo um diagnóstico e um prognóstico, ao passo que, enquanto denuncia o sistema dominante de seu tempo, apresenta novos caminhos para a educação.

Em uma carta destinada ao seu amigo de colégio Carl von Gersdorff em 1869, Nietzsche conta a grande notícia de que irá se juntar ao corpo docente da Universidade de Basileia, e que vai se lançar “a uma nova e inabitual tarefa, numa pesada e abafante atmosfera de deveres e obrigações.” (APUD. DIAS, 1993, p. 28) O escritor diz em um tom aparentemente irônico ter chegado a sua vez de ser filisteu, mais um funcionário do Estado, aquele que se dedica a uma “ocupação diária”, fazendo parte do grupo dos “homens especializados”. Embora nosso filósofo tenha se inserido nesse sistema, ele o subverteu. Entrou, ensinou, escreveu, mas não compactou. É um paradoxo, sim, mas Nietzsche aceitou seu destino, experienciando um *amor fati*⁵ anos antes de se debruçar sobre o tema. O filósofo da vontade exclama: “Zeus e todas as musas me preservem de ser filisteu, homem abandonado pelas musas, homem de rebanho!” (APUD. DIAS, 1993, p. 28) Por ter uma seriedade filosófica enraizada, não correu o risco de se desviar, como teceu ao seu amigo. Seu olhar crítico perante ao sistema educacional moderno não surgiu somente depois que ele passou a trabalhar nele, como dissemos anteriormente. A diferença é que suas críticas se aprofundaram e se tornaram mais contundentes por se fazer presente naquele ambiente. E, por mais que tenha lecionado filologia, sua vocação era a filosofia.

⁴ CAETANO VELOSO. **Força Estranha**. Rio de Janeiro, 1978. (3:54) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFL-bgRITyk>

⁵ Expressão latina que perpassa a filosofia nietzschiana a partir das duas anotações no outono de 1881, que significa amor ao destino ou amor ao que acontece. Ela aparece também na *Gaia Ciência* (1882), quando o filósofo alemão anuncia a morte de Deus, e como forma de pedido, Nietzsche escreve: “Gostaria de, dali em diante, amar as coisas tal como elas se apresentam, sem julgar e abstando-se de condenar o que ocorre, desejando ser apenas ‘alguém que diz Sim!’” (§276) Essa expressão aparece também em sua autobiografia intelectual, seu ilustre *Ecce Homo* (1908), quando Nietzsche entrelaça esse termo com a noção de eterno-retorno. Quando se estuda a filosofia do martelo é comum perceber as relações entre os termos por ele desenvolvidos.

O contexto em que Nietzsche estava inserido e que o impulsiona a escrever sobre a educação se desdobra no momento do triunfo militar na guerra franco-prussiana ou germânica (1870- 1871) e da unificação política alemã. Era uma fase, no qual a sociedade europeia pós-revolução industrial estava se reorganizando. No entender de Nietzsche, a meta que a educação germânica buscava alcançar era, sobretudo, alavancar o saber científico. Uma cultura cuja finalidade se dava em propagar o bem-estar, no ganho de dinheiro e na limitação da educação a um conjunto de deveres. A educação, portanto, teria que acompanhar e ser concebida por critérios vindos da indústria. O ensino proferido se desvincula totalmente da vida. O filósofo alemão, por sua vez, questiona esse formato educacional dominado pelas exigências econômicas, que estão a todo tempo visando crescimento e ampliação do consumo. Nietzsche reconhece que esse modelo – avesso ao que ele entende por educação – faz parte do conjunto de motivos que causou a destruição do espírito criativo e inventivo que se pretende permear o processo formativo de cada estudante, espírito esse que perpassa toda a filosofia nietzschiana.

No final de 1872, Nietzsche elabora cursos e conferências na Universidade de Basileia, denominadas *Sobre o Futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, quando ainda lecionava Filologia. Infelizmente não conseguiu dar continuidade por problemas na garganta, mas as cinco conferências foram o suficiente para atrair o público e expor a riqueza da análise nietzschiana. O jovem professor direcionou fortes críticas ao sistema educacional alemão. Dentre muitas figuras presentes na plateia, estava o professor de história Jacob Burckhardt – também de Basileia – e que, inclusive, comentou com um amigo o entusiasmo do filósofo alemão enquanto discorria, ao mesmo tempo em que era tomado por certa aflição, e de quão admirável era sua inteligência. Nessas conferências, o professor Nietzsche examina o sistema educacional de sua época, fazendo um diagnóstico do tipo de formação oferecido. O modelo de formação estabelecido na Alemanha no século XIX, de acordo com o filósofo, somente possibilita a formação de um homem teórico, especialista, domesticado ou até mesmo um funcionário público para atender às demandas do Estado. E ao domesticar o ser humano, a expansão dos seus instintos são impedidos. É uma formação rápida, que visa somente o mercado de trabalho. Nietzsche encontrou esse tipo de problema desde o

Gymnasium⁶ até a Universidade, destacando lacunas até mesmo no ensino da língua materna.

Nos últimos meses desse mesmo ano, Nietzsche escreveu *A filosofia na época trágica dos gregos* (1873), no qual apresenta um estudo sobre os pré-socráticos ou pré-platônicos, como os denomina. Seu objetivo não era fazer uma investigação enquanto filólogo, mas como um “filósofo médico”, como citamos anteriormente. O filósofo sempre venerou a cultura grega, embora tenha encontrado seu declínio em Sócrates com seu dualismo, a valorização da razão, e por conseguinte, desprezo pelos sentidos. Esses estudos dos antigos, comenta Rosa Dias em *Nietzsche Educador*, “levou-o a perceber o quanto era inútil a vida a ‘compulsão do saber a qualquer preço’, frequente nos meios universitários. Ensinou-lhes também que o saber deveria servir a uma melhor forma de vida, como o era entre os gregos.” (DIAS, 1993) Contrariando o sistema de ensino que tomava força em seu tempo, o jovem professor almejava uma educação que se aproximasse da vida, da mesma forma que ocorria entre os gregos.

A partir disso, entre os anos 1873 e 1875 escreveu quatro polêmicos textos, intitulados como *Considerações Extemporâneas* ou *Intempestivas*, pequenos ensaios com o objetivo de analisar criticamente seu tempo. No prefácio do seu segundo ensaio, o jovem professor explica o motivo pelo qual esse texto se encontra no campo da extemporaneidade. Em suas palavras: “Se esta consideração é extemporânea, é porque eu considero como um mal, como uma deficiência, como uma carência, uma coisa que o tempo presente glorifica, a sua cultura histórica.”⁷

O primeiro ensaio chama-se *David Strauss, o devoto e o escritor* (1873). Nietzsche ataca esse teólogo e sua obra *A antiga e a nova fé*, venerado pela burguesia alemã. Suas críticas são direcionadas a ele, e ao mesmo tempo à cultura alemã, considerando-a inautêntica. O pensador alemão critica os eruditos, os chamados “filisteus da cultura”, sendo Lévi Strauss um forte exemplo. “Filisteus da cultura” eram comerciantes da

⁶ O Gymnasium era uma escola voltada para alunos mais dotados, geralmente eles entram antes de entrarem no ensino superior. O ensino é clássico, focado nas humanidades e em muitos idiomas, até grego e latim. Outros formatos também enfatizam o ensino de ciência e tecnologias. Nietzsche, inclusive, estudou em um desses, em Naumburg, na Escola de Pforta. O ensino era excelente, Nietzsche iniciou sua intelectualidade nesse ambiente, sobretudo, sua formação humanística, reconhecia sua importância. Mas, em dado momento, passou a refletir e se deu conta de que tudo aquilo que estava aprendendo era somente um saber acumulativo, totalmente distante da vida. A partir dessas reflexões, fez uso da música como refúgio, assim como da poesia, formando uma sociedade literária com seus amigos de colégio. Trazendo para a educação brasileira, seria como se fosse os anos do ensino fundamental da educação brasileira, que antecedem o ensino médio.

⁷ Prefácio, II Consideração Extemporânea.

cultura, meros cumpridores das leis, incultos, embora tivessem a ilusão de o serem; sendo incapazes de criar, voltando-se sempre para a imitação e o consumo. O trágico e a experimentação eram rejeitados por ele, características importantes para o filósofo do do martelo. Isso se mostra também no estilo de escrita demasiada robusta que preponderava nesse meio, inacessível, permeado de conceitos que desvinculam da vida.

O segundo ensaio tem por título *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* (1874), no qual Nietzsche denuncia o enfraquecimento da cultura gerado pela expansão da cultura histórica, que estaria esterilizando a vida. O filósofo do martelo elabora críticas aos historiadores acadêmicos, alegando que não são criadores de vida e cultura, apenas acumuladores de saber. Já na terceira extemporânea, Nietzsche presta homenagem a Schopenhauer, não necessariamente a seu sistema de pensamento – até porque ele se afasta do filósofo pessimista em sua terceira fase intelectual –, mas na sua existência enquanto pensador que é capaz de servir de exemplo. No entanto, exemplo não como uma imitação nos moldes dos filisteus da cultura que são inautênticos, mas como uma “imitação criadora”, como afirma Rosa Dias, que é construtiva, ativa, deliberada, permitindo a superação de si. “O exemplo é um estímulo para a ação e para uma nova configuração.” Na perspectiva nietzschiana, o autor de *O mundo como vontade e representação* (1819) é modelo de filósofo-educador que, perante as exigências de uma época banal, reducionista e economicista, consegue propiciar que cada estudante desenvolva suas capacidades mais singulares, suas tendências mais genuínas.

Um aspecto interessante a ser mencionado é que Nietzsche descobre Schopenhauer em 1865 através de seu livro *O mundo como vontade e representação*, exposto numa livraria em Leipzig. Aquelas palavras perturbaram o pensador de tal forma que ele leu com avidez cada página. O pensador alemão expressa sua admiração em *Schopenhauer como educador*, esboçando como esse encontro elevou sua potência de vida, ao dizer que “o fato de tal homem ter escrito aumentou o prazer de viver nesta Terra...” (NIETZSCHE, 2020)

O jovem professor de Basileia muito se impressiona com o estilo schopenhaueriano, algo que o destaca é sua escrita aquém do estilo erudito que tomava força naquele tempo. Nietzsche mostra a posição humilde de Schopenhauer, avessa ao presente sistema, afirmando que este “jamais quer aparecer, pois escreve para si mesmo.” Uma das características de Schopenhauer apontadas por Nietzsche é de que um verdadeiro mestre deve ser um homem. Nietzsche comenta que “ele sabe dizer o que é

profundo de modo simples, o que é comovedor sem retórica, o estreitamento científico sem pedantismo.” (NIETZSCHE, 2020)

Toda a crítica nietzschiana é tecida por meio das influências de um ensaio de Schopenhauer, intitulado “*Sobre a filosofia universitária*”, parte do livro *Parerga e Paralipomena*, publicado em 1851. Resumidamente, segundo Schopenhauer, o que existem nas universidades são apenas professores que vivem da filosofia, voltados para seus interesses pessoais, e que não são filósofos propriamente. Nietzsche segue a mesma linha.

Os questionamentos de Nietzsche podem nos levar a analisar e a pensar o tipo de filosofia que estamos produzindo na academia, se somos apenas historiadores e comentadores da filosofia, neutros, ou se de fato estamos criando reflexões filosóficas, levantando questões existências, ou problematizando, como diz Deleuze em seu *Abecedário*⁸ (1996). No final de *Schopenhauer como educador*, Nietzsche diz algo interessante e que faltava na academia de sua época: “O que tem ele de grandioso a mostrar, pois há muito tempo ele faz filosofia e ainda não perturbou ninguém?” Sim, na inscrição tumular da filosofia universitária deveria assim constar: “ela nunca perturbou ninguém”. (NIETZSCHE, 2020) Forte fala! Nietzsche convoca a uma filosofia que espanta, incomoda, tira o indivíduo da sua acomodação, assim como sua própria origem, o clássico *thaumazein* aristotélico, uma filosofia que começa com o espanto. Da mesma forma, podemos trazer à memória, como uma espécie de reminiscência, o método socrático que faz uso de perguntas para filosofar. Perguntas que, por vezes, não alcançam uma resposta concreta, deixando as portas da reflexão abertas, mostrando que o pensamento não se esgota, seu teor é inacabado, e que podemos sempre nos admirar.

Essa é uma discussão que não se esgota, podendo gerar muitos desdobramentos. Nietzsche ainda nos mostra sua tese, citado por Rosa Dias, qual seja, “o ensino universitário da filosofia não prepara o estudante para pensar, agir e viver filosoficamente; é imobilizado pela cultura histórica’.” (DIAS, 1993) Rosa continua sua provocação ao citar que “do mesmo modo que a filologia está interessada apenas nas etimologias, e não em um trabalho com a palavra viva, a filosofia restringe-se a estudar o pensamento morto, que não mais serve à vida.” (DIAS, 1993)

⁸ O documentário *Abecedário* de Gilles Deleuze (1988-1989), exibido após a morte do escritor, nasceu da entrevista em que o filósofo foi entrevistado pela jornalista Claire Parnet pelo sistema de televisão francês.

A BILDUNG NIETZSCHIANA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Neste momento, refletiremos sobre a formação (*Bildung*) como singularidade, destacando o movimento existencial no processo de cultivo de si. Encontramos essa reflexão em sua *III Extemporânea*. Para Nietzsche, o educador é aquele que prepara e mostra o caminho para si mesmo. Sobre isso, o filósofo nos assegura que: “Há outros meios para encontrar a si mesmo, para chegar a si mesmo, mas não conheço nenhum melhor do que recordar-se de seus educadores e formadores.” (NIETZSCHE, 2020) Recordar, como afirmação, como herança, como valorização. Cecília Meireles escreve uma crônica intitulada *Vida e educação* e nela menciona algo que se entrelaça com o posicionamento nietzschiano no que concerne a questão da educação como cultivo de si. Nas palavras de Cecília: “Precisamos de um ambiente de estímulos vários, onde todas as grandes aspirações humanas se sintam acordar, e tenham o encantamento de si mesmas”. (MEIRELES, 2001)

Há, portanto, uma alteridade nesse processo – embora Nietzsche não tenha dito esse termo, podemos encontrar nele uma afirmação do outro, uma via que passa pelo contato com o outro e, sobretudo, com o educador – oposto do homem socrático, que se volta para si. Nietzsche é um filósofo da diferença. É mais um “tornar-se” pindárico, como está em sua autobiografia intelectual, obra essa em que ele assume um gesto de filósofo-escritor, escrevendo sobre si a partir de seu pensamento. Com isso, o devir se mostra como afirmação de uma constante mudança e impossibilidade de uma coisa continuar idêntica a si mesma, como descreve Nietzsche em sua *Gaia Ciência*: o mundo ‘sendo’ é uma fabulação – há apenas um mundo tornando-se” (*Gaia Ciência*, §11).

O pensador direciona em *Schopenhauer como educador* um comentário sobre esse processo: “A tua autêntica essência não está profundamente oculta em ti, mas imensamente acima de ti ou, pelo menos, acima daquilo que tu habitualmente presumes ser teu eu. (NIETZSCHE, 2020). O “eu” descrito se almeja ao passo que se supera, não é fixo. O filósofo alemão critica a noção de sujeito desde as suas primeiras obras, sempre acusou essa noção do “eu” estável e fixo. É importante salientar que, embora Nietzsche interprete o mundo como esse fluxo de mudanças, esse movimento não estabelece progresso, pois se associa ao melhoramento do homem, e segundo Nietzsche, o progresso é antagônico ao fortalecimento, e o filósofo também não é positivista. Além disso, é importante destacar que na concepção de educação de Nietzsche o saber

libertário é venerado, estimulado pelo educador, ele afirma que “teus educadores conseguem não ser senão os teus libertadores.” (NIETZSCHE, 2020)

POR UM SABER HOLÍSTICO

É caminhando por outra via que Nietzsche aponta sua perspectiva educacional, perspectiva essa que tem como finalidade propiciar a formação integral de cada discente, para além das urgências do sistema econômico da época. Um saber holístico, isto é, que contempla cada discente em sua integralidade, que o enxerga por inteiro, sem o fragmentar. Uma educação que engendra o gênio filosófico, cuja natureza é criativa. Em meio a uma sociedade acelerada ou do cansaço, como diagnosticou o filósofo Byung-Chul Han, sociedade essa que de tantas demandas e produção acaba por esgotar-se, há a necessidade de aprender devagar, ruminando, como escreve Nietzsche no prefácio de sua *Genealogia da Moral*. Repousar, pois, é por falta de repouso que nossa civilização caminha para uma nova barbárie, como fragmentou o pensador alemão em seu *Humano, demasiado humano*. Nesse mesmo fragmento, o escritor ressalta que os inquietos nunca valeram tanto como em sua época (nesta também). Sendo necessário, portanto, fortalecer o “elemento contemplativo”. Desacelerar. Reduzir essa tendência histórico-científica que tem reverberado nas instituições de ensino, acelerando a formação, com um modo de preparo estilo “fast food”, rápido, centralizado em formar as pessoas como meros servidores, no lugar de educá-las para a cultura, de modo que o indivíduo se volte para as questões elementares da vida. A educação a qual Nietzsche ataca está longe de ser considerada humanista. Pelo contrário, seu fator motriz se dá através do ensino tecnicista. O pensador, por sua vez, escreve contra seu tempo, “propõe que a arte e a filosofia são as únicas disciplinas capazes de moderar a feição histórico-científica que preponderava nas instituições.” (DIAS, 2011)

O filósofo alemão, por sua vez, elabora reflexões acerca da formação, sempre com um olhar extemporâneo, como vimos. É interessante porque nessa época, Nietzsche ocupava uma cadeira na universidade de Basileia. Embora suas críticas já existiam antes de lecionar, foi necessário estar naquele ambiente para assim denunciá-lo. O filósofo era refém de seu tempo, filho de seu tempo, fazia parte da instituição. Nós também estamos inseridos nela, nós somos e a compomos. Podemos nos ater aos ensinamentos de Nietzsche e aplicá-los no dia a dia das salas de aula, numa trivial

segunda-feira. Lutar por uma educação que não fragmenta o estudante, mas que se preocupa com sua integralidade, que educa para a cultura, “uma educação ancorada na vida”, como assegura Rosa Dias.

Pode-se dizer que essa formação fragmentada é resultado de toda uma tradição de desprezadores desta vida. O homem moderno, cito Rosa Dias, que citou Nietzsche: “dividido, desconfiando das sensações que ainda não receberam o selo das palavras, o homem passa a ser um organismo sem vida, que tem o direito de dizer “cogito ergo sum” [penso, logo existo], mas não “vivo ergo cogito” [vivo, logo penso].” (APUD. DIAS, 1993, p. 68) O filósofo do martelo em toda a sua jornada filosófica condenou e denunciou a separação entre corpo e alma, dualismo também visto no campo educacional, com a hiper valorização da razão e da formação mecanizada em prol da rápida inserção ao mercado. Sua concepção de educação, por outro lado, influenciada pelos gregos – com sua sabedoria estético-trágica, dionisíaca – se afasta de todo e qualquer dualismo, “sem que haja a hipertrofia de nenhum desses dois elementos.” (DIAS, 1993) Nosso filósofo reprova ainda o fato de a educação de sua época não ter como objetivo formar personalidades fortes, mas sim seres humanos teóricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

265

Deste modo, podemos concluir que o saber acumulativo, o excesso de história e todo reducionismo leva Nietzsche a expressar que a Alemanha de sua época não tem uma cultura. O que existe é uma cultura fraca e artificial. O que faltava era um saber vinculado à vida.

É, portanto, com base no que foi esboçado que se encontra a concepção de educação para o jovem professor de Basileia. Uma concepção que preza pela integralidade do indivíduo, que tem uma visão holística e que afirma a vida em todos os sentidos. Não um saber pedante, cuja erudição é vazia. Nietzsche, preocupado com a formação integral do ser humano, repensa as questões de educação a partir das necessidades vitais, afirma a filósofa Rosa, e não uma educação centralizada as necessidades do mercado de trabalho, que visam apenas satisfazer as exigências do Estado e da burguesia mercantil. Por outro lado, o jovem professor colocou “a vida como critério basilar na educação e com isso, desfez as convicções que sustentavam o sistema educacional de sua época.” (DIAS, 1993)

Os apontamentos de Nietzsche muito nos ensinam, levando-nos a refletir sobre a educação que nos constitui, principalmente no estado atual político do Brasil, no qual a educação tem sido diariamente atacada, alguns saberes sendo desvalorizados em prol de um “novo ensino médio” tecnicista. Subvertendo a lógica de um saber mecanicista, Nietzsche deseja uma educação de teor holístico, cujo valor se dá, parafraseando Rosa Dias, não no conhecimento que pode fornecer, mas na vida que ele pode proporcionar.

REFERÊNCIAS

CAETANO VELOSO. **Força Estranha**. Rio de Janeiro, 1978. (3:54)
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFL-bgRITyk>

DIAS, Rosa. **Nietzsche educador**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista concedida a Claire Parnet em 1988. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B347KgD-3KhNcGdBemhqS3N0b1U/view?resourcekey=0-MgJ6Y1BbtQuU88mqJyQ30A>

266

_____. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HAN, Byung-Han. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Werke**. Organizado por Karl Schlechta, Carl Hansen Verlag, Munich. v. 3, p. 132, 1954.

_____. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **A filosofia na era trágica dos gregos**. São Paulo: Hedra, 2008.

_____. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- _____. **Genealogia da Moral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **A Gaia Ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. **Sobre a utilidade e desvantagem da história para a vida.** São Paulo: Hedra, 2017.
- _____. **David Strauss, o confessor e o escritor.** São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- _____. **Schopenhauer como educador.** São Paulo: Martins Fontes, 2020.

